

Artaud e os tarahumaras: uma releitura mitopoética

Hortênsia Isabela Santos VIEIRA¹

Walter MELO²

¹Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora/MG, Brasil.

²Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). São João del-Rei/MG, Brasil.

Conflitos de interesses:

Os autores declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

Nota:

Artigo derivado de Vieira, H. I. S. (2025). A busca pelas forças originais e a revitalização da cultura em Antonin Artaud. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumo

Observa-se que a obra de Antonin Artaud possui um lugar relevante no pensamento contemporâneo, pois sua marcante expressão possibilita diálogos interdisciplinares. As peculiaridades de sua obra apontam para diferentes formas de análise e interpretação. Um dos desafios enfrentados para a compreensão de sua obra decorre do fato de que Artaud não costumava fundamentar suas ideias de modo estritamente linear, objetivo e racional. Nesse sentido, emergem na literatura especializada questionamentos sobre a validade das narrativas desse artista. Diante desse cenário, o presente estudo propõe uma análise que leva em consideração algumas singularidades, sobretudo enfatizando o lugar da faculdade imaginativa na obra artaudiana. Para esta pesquisa, foram selecionados os escritos relacionados à viagem ao México e à experiência entre os povos tarahumaras. Este estudo embasou-se na teoria da psicologia analítica, considerando os dois tipos de pensamento delineados por Carl Gustav Jung: o pensamento dirigido ou linguístico e o mitológico ou de fantasia. Além disso, foram analisados os conteúdos projetivos e compensatórios que emergem das fantasias de Artaud na relação que estabeleceu com os tarahumaras e a importância do mito solar que permeia esse encontro.

Descritores

psicologia junguiana; mitologia; imaginação; símbolo.



Recebido: 16 abr 2025; Última revisão: 29 out 2025; Aprovado: 21 jan 2025; Aprovado para publicação: 05 mar 2026.

Artaud and the Tarahumara: A Mythopoetic Reinterpretation

Abstract

It is observed that the work of Antonin Artaud holds a relevant place in contemporary thought, as its striking expression enables interdisciplinary dialogues. The peculiarities of his work point to different forms of analysis and interpretation. One of the challenges in understanding his work stems from the fact that Artaud does not usually ground his ideas in a strictly linear, objective, and rational manner. In this sense, specialized literature raises questions about the validity of this artist's narratives. Faced with this scenario, the present study proposes an analysis that takes into account some of these singularities, especially emphasizing the role of the imaginative faculty in Artaud's work. For this research, writings related to his journey to Mexico and his experience among the tarahumara people were selected. This study is theoretically grounded in analytical psychology, considering the two types of thinking outlined by Carl Gustav Jung: directed or linguistic thinking and mythological or fantasy thinking. Furthermore, analyses were carried out on the projective and compensatory contents that emerge from Artaud's fantasies in his relationship with the tarahumaras, and on the importance of the solar myth that permeates this encounter.

Descriptors

Junguian psychology; mythology, imagination, symbol.

Artaud y los Tarahumaras: una relectura mitopoética

Resumen

Se observa que la obra Antonin Artaud tiene un lugar relevante en el pensamiento contemporáneo, pues su acentuada expresión hace posibles los diálogos interdisciplinarios. Las peculiaridades de su obra apuntan para diferentes formas de análisis e interpretación. Uno de los retos enfrentados para comprender su obra surge del hecho de que Artaud no suele fundamentar sus ideas de modo estrictamente lineal, objetivo y racional. En este sentido, surgen cuestiones en la literatura especializada a respecto de la validez de sus narrativas. Ante esto, este estudio propone un análisis que tenga en cuenta algunas singularidades, sobre todo enfatizando el lugar de la facultad imaginativa en la obra artaudiana. Para esta investigación, se seleccionaron los escritos relacionados al viaje a

México y a la experiencia entre los pueblos tarahumaras. Este estudio, basado en la teoría de la psicología, consideró los dos tipos de pensamiento delineados por Carl Gustav Jung: el pensamiento dirigido o lingüístico y el mitológico o de fantasía. Además, se analizaron los contenidos proyectivos y compensatorios que surgen de las fantasías de Artaud en la relación que estableció con los tarahumaras y la importancia del mito solar que envuelve ese encuentro.

Descritores:

psicología junguiana; mitología; imaginación; símbolo.

Introdução

Em fevereiro de 1936, Antonin Artaud chegou ao México, onde permaneceu por nove meses. No início de sua estadia, proferiu três conferências na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), discutindo os problemas sociais e culturais da Europa e o surrealismo na França e sua participação nesse movimento artístico, desde os estágios iniciais de fervor até os motivos que culminaram em sua ruptura. Em seguida, na Aliança Francesa, proferiu uma palestra sobre o teatro em Paris do pós-guerra (Méredieu, 2006/2011). Além disso, manifestou apreço pela cultura mexicana e expressou a esperança de descobrir no México elementos capazes de reavivar o ímpeto da cultura europeia, considerada por ele como decadente (Artaud, 1936/2021a).

Artaud passou a se envolver de forma significativa com a cultura mexicana, mostrando interesse pelo conhecimento desenvolvido pelos povos autóctones. Nesse sentido, observou as tradições, a paisagem geográfica, rituais e modos de vida das comunidades indígenas tarahumaras ou *rarámuri*, como são chamados entre os nativos. Argumentou que sua ida ao México, em direção aos povos tarahumaras, tinha relação com o desejo de encontrar bases para a renovação da cultura europeia, compreendida por ele como falida, ao perpetuar uma visão racionalista, cuja aplicação na vida, em seus diferentes âmbitos, gerava o que ele denominou de problema da consciência separada:

E nós pensamos que, há quatrocentos anos, a consciência europeia vive sobre um imenso erro de fato. Esse fato é a concepção racionalista de mundo que aplicada à nossa vida de todos os dias, no mundo, gera o que chamarei de **a consciência separada** (Artaud, 1936/2021b, p. 24, destaques do autor).

Além do racionalismo, Artaud (1936/2021b) identificou outras concepções supervalorizadas pela consciência coletiva, como o dualismo e o mecanicismo, que perpetuam uma visão parcial da

vida. A obra artaudiana apresenta-se como compensatória à consciência coletiva de sua época, pois configura a busca por uma visão de totalidade e de integração, diante da perspectiva fragmentária no âmbito da cultura, provocando uma divisão fundamental entre opostos. O que Artaud traz à tona com sua inconformidade, cuja potência expressa-se em sua obra, são as cisões latentes na consciência coletiva (espírito/matéria, consciência/inconsciente, ciência/religião, homem/natureza):

Para a juventude, foi a razão que inventou o desespero contemporâneo e a anarquia material do mundo, separando os elementos do mundo, que uma verdadeira cultura reunia.

Se temos uma falsa ideia do destino, e de seu curso na natureza, é porque não sabemos mais olhar a natureza, sentir a vida em sua totalidade (Artaud, 1936/2021b, p. 26).

As inquietações de seu tempo geraram vários movimentos artísticos e literários, como o surrealismo que, dentre seus diversos propósitos, buscou romper com os valores rígidos da consciência coletiva. Artaud teve uma participação intensa nesse movimento, com o qual rompeu por considerar que o surrealismo havia se desviado de seus propósitos iniciais. De acordo com Schwartz (2008), o surrealismo floresceu não somente na Europa, mas em alguns países da América Latina, sobretudo nos que receberam a visita de artistas surrealistas. O México emergiu como um destino significativo, pois encontraram no país uma fonte de inspiração. Dentre os que participaram do movimento surrealista, Artaud foi um dos pioneiros a desembarcar naquele país. No entanto, o México serviu de destino para muitos outros artistas, incluindo André Breton, um dos principais líderes surrealistas. Esses artistas nutriam um notável fascínio pelas culturas autóctones. A busca incessante por elementos não adulterados alimentava a imaginação, e essas tradições eram vistas como uma fonte de originalidade e autenticidade, um campo fértil para explorar novos horizontes criativos: "A apologia dessas culturas faz parte da denúncia da decadência europeia" (Méredieu, 2006/2011, p. 525).

No período da viagem ao México, Artaud já havia rompido com os surrealistas, mas ainda mantinha o ímpeto revolucionário típico daquele movimento. Dessa maneira, continuava a buscar um caminho de integração possível entre sonho e realidade. Além disso, mantinha o pensamento crítico em relação às normas sociais, políticas e culturais da época, aspirando profundamente a uma transformação radical da sociedade por meio da liberação das forças criativas do inconsciente.

Durante sua jornada no México, Antonin Artaud estabeleceu uma variada rede de interações, sempre expondo os seus objetivos: “Vim ao México em busca de homens políticos, não de artistas. (. . .). E como os homens políticos substituíram os artistas na condução dos negócios públicos, essa tarefa é de sua incumbência e não dos artistas” (Artaud, 1936/2021c, p. 63). Na percepção de Artaud, os artistas perderam espaço na esfera pública e, com isso, a influência sobre questões culturais concentrou-se nas mãos dos políticos. O autor resolveu, então, dialogar com os políticos, mesmo considerando que os artistas engajados têm a capacidade de promover transformações, pois são os verdadeiros agentes de renovação da cultura. Dessa maneira, deixou transparecer a sua indignação sobre a desvalorização dos artistas.

Nas relações que estabeleceu com artistas, povos originários e políticos, buscou denunciar a crise cultural europeia e, ampliando a discussão, apontou também para a influência negativa da Europa na cultura mexicana. Além disso, passou a afirmar o seu propósito de entrar em contato com os povos nativos para buscar o “segredo” perdido:

O sangue indígena do México guarda um antigo segredo de raça, e, antes que a raça se perca, penso que é preciso perguntar-lhe a força deste segredo antigo. Enquanto o México atual copia a Europa, creio que é a civilização da Europa que deve perguntar ao México um segredo. A cultura racionalista da Europa faliu e eu vim à terra do México buscar as bases de uma cultura mágica que pode ainda brotar das forças do solo indígena (Artaud, 1936/2021b, p. 23).

Para compreendermos a busca pelo segredo, é importante relembrarmos e reafirmarmos o pensamento de Artaud (1936/2021b) sobre a cultura europeia, que o conduziu em sua viagem ao México: “não sabemos mais olhar a natureza, sentir a vida em sua totalidade” (p. 26). A busca pelo segredo perdido, segredo que talvez possibilitasse a integração com a natureza, fez com que Artaud se lançasse, de maneira fundamental, em uma jornada junto aos povos nativos, para descobrir algo que acreditava ter o potencial de revitalizar a cultura europeia, que se apresentava, em seu ponto de vista, na mais ampla decadência. Assim, o sangue que corria nas veias dos tarahumaras transportava não apenas oxigênio e nutrientes, pois estava pleno da cultura ritualística, que cultiva a terra, planta e colhe o *peyotl* (Artaud, 1937/2020). Artaud (1936/2020) considerava esses ritos tão antigos, que não se sabia de onde vieram, sendo “mais velhos do que o Dilúvio” (p. 37). Dessa maneira, foram caracterizados como algo desconhecido, como um segredo que precisava ser recuperado.

Nesse sentido, apresentamos a perspectiva singular de Antonin Artaud sobre os tarahumaras e sua experiência entre eles, considerando a maneira peculiar de retratar o mundo por meio de uma combinação entre a realidade e a visão mitopoética, a qual diz respeito à capacidade da psique para criar mitos de maneira espontânea (Boechat, 2009). Essa atividade relaciona-se com o pensamento mitológico ou de fantasia (Jung, 1911-1912/2013).

Metodologia

Adotamos uma abordagem qualitativa de caráter compreensivo, fundamentada na perspectiva fenomenológica interpretativa. O percurso metodológico abrangeu as seguintes etapas: seleção dos livros “Mensagens revolucionárias” e “Os tarahumaras”, de Antonin Artaud, por abordarem diversos aspectos da viagem ao México, principalmente as percepções sobre a cultura e os povos nativos daquele país. Em seguida, foi selecionada a literatura secundária, composta por dois artigos que possibilitaram o diálogo entre diferentes leituras e interpretações sobre a experiência de Artaud no México (Kurt, 2014; Mendonça, 2016).

A análise dos dados, orientada pela ótica fenomenológica e interpretativa (Breakwell et al., 2010), desenvolveu-se em quatro etapas: (i) imersão nas fontes primárias e secundárias, por meio de leituras atentas e reflexivas, visando a identificar aspectos simbólicos e experienciais; (ii) anotações analíticas, com o registro das observações suscitadas pelas leituras; (iii) identificação de unidades de significado que expressassem aspectos centrais da experiência vivida por Artaud entre os tarahumaras; e (iv) construção hermenêutica, elaborando interpretações que articularam os temas emergentes com o referencial teórico do estudo, tendo como parâmetro a análise simbólica, compreendendo a expressão conjugada das vivências internas e externas.

A partir da análise das fontes primárias e secundárias, buscou-se estabelecer um diálogo crítico entre as diferentes perspectivas, a fim de ampliar as possibilidades interpretativas da obra artaudiana. Reconhece-se assim tanto a singularidade e subjetividade do indivíduo e de suas vivências, quanto a atividade interpretativa do pesquisador (Breakwell et al., 2010). A análise das fontes secundárias, na etapa hermenêutica, assumiu uma perspectiva dupla: a primeira refere-se às interpretações propostas por Kurt (2014) e Mendonça (2016) sobre a obra de Artaud; a segunda consiste na análise crítica dessas interpretações à luz da psicologia analítica.

A relação de Antonin Artaud com os povos tarahumaras foi analisada a partir dos dois modos de pensamento descritos por Jung (1911-1912/2013): pensamento dirigido e pensamento de fantasia. Considerando que a escrita de Artaud não é linear, caracterizada pela presença de conteúdos imagéticos, abordou-se o caráter heurístico da projeção (Gambini, 1988; Jung, 1944/2013; von Franz, 1988/1999) e a importância do mito solar que permeia a relação entre esse artista europeu e os povos originários do México (Silveira, 1981, 1989).

Uma releitura mitopoética

Kurt (2014) questiona a autenticidade das experiências de Artaud no México, pois considera que há uma mistura entre o que foi vivido e o que foi imaginado, supondo que o artista tenha fabricado a “verdade” dessas vivências. Nesse caso, os aspectos factuais servem como único parâmetro:

Na verdade, pode-se dizer que a tradição ocidental da peregrinação da droga no México pode ter encontrado a sua origem em Artaud e não em Carlos Castañeda. Mas permanecem muitas questões relativas à suposta viagem de Artaud para a Serra Tarahumara, incluindo a veracidade das suas observações sobre os próprios Rarámuri. A fim de revelar os limites factuais da reportagem de Artaud, este artigo situa suas obras literárias sobre os Tarahumara dentro de uma estrutura etnográfica e antropológica mais ampla, para sugerir que ele fabricou, exagerou e embelezou a “verdade” de suas experiências entre essas pessoas místicas (Kurt, 2014, pp. 28-29, tradução nossa, destaque do autor).

Mendonça (2016), por sua vez, faz uma análise historiográfica da viagem de Artaud ao México, buscando observar as concepções teatrais artaudianas daquele período, bem como as contradições presentes em seu relato de viagem. Nesse caso, a interpretação da obra de Artaud é unilateral, uma vez que aborda o modo como Artaud constrói seus argumentos como algo que beira ao delírio e que contradiz os posicionamentos modernos, desconsiderando, portanto, exatamente os objetivos de renovação da cultura europeia pelo contato com os tarahumaras:

O sensacional afirmado por Artaud seria o de que no México, no período no qual escrevia este texto, havia surgido um movimento de reconquista deste segredo e, quando o país o conquistasse, não haveria nenhuma arma que pudesse algo contra ele. Esse comentário poderia ser considerado quase que um “delírio” do artista

francês frente a um país que passava por um contexto político do qual ele não conhecia quase nada. E se, por um lado, ele era moderno em suas concepções artísticas, passava a ser anti-moderno [sic] por seu desejo quase conservador de encontrar uma cultura indígena ideal, sem crises, transformações e influências externas (Mendonça, 2016, p. 75).

As perspectivas apresentadas devem ser levadas em consideração, mas é importante frisarmos que a obra de Antonin Artaud desafia as representações convencionais, pois explora a intensidade emocional e os conteúdos subjetivos. Dessa maneira, interpretações literais podem acarretar em perda de importantes nuances dos argumentos e propostas do autor. Em nosso ponto de vista, as possíveis ambiguidades presentes em sua obra não diminuem o impacto que causam, pois permitem o reconhecimento de impulsos e de conteúdos que surgem a partir da fronteira entre o tangível e o imaginado, ou seja, o inconsciente. Isso requer outras formas de observação dos fenômenos. Dessa maneira, quando Artaud (1936/2021b) refere-se ao México, vai além do território mexicano em sua concretude, abordando, também, aspectos imaginários:

Ao contrário da cultura moderna da Europa que chegou a uma pulverização insensata de formas e aspectos, a cultura eterna do México possui um aspecto único. É exatamente aqui que eu queria chegar: toda cultura de síntese tem um segredo. Com o tempo e sob a influência externa da civilização da Europa, o México abandonou o conhecimento e a utilização desse segredo, porém – esse é o acontecimento sensacional da época – vimos despontar no México um movimento para reconquistá-lo.

Quando o México tiver realmente reconquistado e ressuscitado sua cultura, canhões ou aviões nada poderão contra ele.

Que se preste atenção ao que vou dizer, não são frases de um folhetim. Sob uma aparência pueril, essa afirmação guarda uma verdade fundamental (Artaud, 1936/2021b, p. 65).

Embora Artaud tenha aprofundado os conhecimentos sobre a cultura desses povos originários a partir da experiência com os tarahumaras, examinando seus costumes, crenças, mitologia, dentre outros aspectos, seu trabalho não se limita ao âmbito acadêmico, de modo a enquadrá-lo de forma estrita nos contextos de pesquisas antropológicas ou históricas. É importante notar que a viagem ao México continuou sendo uma fonte de inspiração criativa até o final de sua vida, sobretudo em seu

"Tutuguri", escrito em 1947 e reformulado em 1948 (Artaud, 1947/2020), ano de sua morte. Ao situar seu trabalho no contexto da obra de arte, é possível incluir sua experiência estética e psíquica, sem estacionar em uma perspectiva lógica, explicativa e factual. Ao contrário, admite-se a expressão criativa de ideias, sentimentos e, até mesmo, o fantástico das narrativas.

No cerne de sua visão artística e revolucionária estava a dimensão da interioridade como algo de grande relevância. Dessa maneira, as suas expressões subjetivas jamais poderiam ser excluídas e as suas experiências não seriam compreendidas apenas pela dimensão exterior, com a qual os fatos se relacionam. Artaud chama a atenção para uma poética do pensamento. Ao examinar suas palavras, pode-se observar alguns caminhos trilhados em seu processo criativo:

Como a vida, como a natureza, o pensamento vai de dentro para fora antes de ir de fora para dentro. Começo a pensar no vazio e do vazio vou em direção ao pleno, e quando atinjo o pleno posso recair no vazio. Vou do abstrato ao concreto e não do concreto ao abstrato. Barrar o pensamento no exterior e estudá-lo naquilo que ele pode fazer é desconhecer a natureza interna e dinâmica do pensamento. É não querer sentir o pensamento no movimento de seu destino interno, que nenhuma experiência consegue captar. Eu chamo de poesia, hoje em dia, o conhecimento desse destino interno e dinâmico do pensamento. Para reencontrar sua natureza profunda, para sentir-se viva em seu pensamento, a vida rejeita o espírito de análise onde a Europa se perdeu.

O conhecimento poético é interno, a qualidade poética é interna. Há um movimento hoje para identificar a poesia dos poetas com a força mágica interna que fornece um caminho à vida e que permite agir sobre ela (Artaud, 1936/2021b, p. 30).

Destacamos, portanto, os aspectos psíquicos da obra de arte, considerando os relatos de Antonin Artaud de grande importância para compreendermos a sua trajetória criativa. Como já dissemos, não podemos entender a viagem de Artaud ao México inserida no campo das pesquisas acadêmicas, mas como uma experiência artística, ou seja, da dimensão da *poéses*, palavra de origem grega, da qual deriva o termo poesia e que reflete uma visão mais abrangente relacionada ao ato criativo. Assim, podemos afirmar que o poético está enraizado na ação, no ato poético, cuja potência culmina na criação, produção, quer dizer, na expressão da autenticidade inerente a cada indivíduo por meio do ato criativo. Este agir está fora da esfera do automatismo,

mecanização ou funcionalidade, perpassando a dimensão do sentido:

Na e pela “poíesis” o próprio real se destina no homem para que este o realize numa plenitude o que o próprio real por si não realiza. Na e pela “poíesis”, o próprio real se constitui como linguagem, mundo, verdade, sentido, tempo e história, em qualquer cultura (Castro, 2009, p. 12, destaques do autor).

Nesse sentido, Castro (2015) situa a *poíesis* como mediadora, ao mesmo tempo, de tudo o que é e do que não é, cujo movimento abrange a continuidade e a metamorfose da realidade circundante. De igual modo, Artaud destaca a poesia como um caminho que permite a ação sobre a vida, como algo capaz de recriar os mundos interior e exterior.

Artaud não exclui o uso da imaginação no processo criativo. Ao contrário, sua abordagem situa a imaginação no âmbito do conhecimento poético, não como algo meramente fantasioso, mas um mergulho intrapsíquico que oferece uma compreensão mais profunda da dimensão inconsciente. Em vários momentos de seus escritos, Artaud menciona o uso da faculdade imaginativa, indicando o reconhecimento desse processo, mas, em nenhum momento, sequer insinua que se deve estabelecer controle sobre a imaginação. Com isso, não está enganando ou distorcendo a realidade de maneira intencional. Seu objetivo é explorar a faculdade imaginativa com intensidade, inserida em uma *poíesis*, capaz de estabelecer diálogo entre as realidades interior e exterior. O uso dessa faculdade torna-se um caminho ou método de criação:

Conheço quase tudo que a história ensina sobre as diversas raças do México e confesso ter me permitido sonhar como poeta com as coisas que ela não ensina. Entre os fatos históricos conhecidos e a vida real da alma mexicana há uma margem imensa onde a imaginação – e ousaria mesmo dizer, a intuição pessoal – pode se entregar livremente (Artaud, 1936/2021d, p. 69).

Em seu texto “O rito do *peyotl* entre os tarahumaras”, Artaud aponta:

“Te recoser na entidade sem Deus que te assimila e te produz como se te produzisses a ti mesmo, e como a ti mesmo no Vazio e contra ele, a cada instante, te reproduzes”. São estas as palavras exatas do chefe indígena e eu me contento em reproduzi-las, não tais como ele as pronunciou, mas tais como eu as **reconstruí**

sob o efeito das iluminações fantásticas de Ciguri (Artaud, 1936/2020, p. 8, destaques do autor).

Ciguri é o “ápice da religião dos tarahumaras” (Artaud, 1936/2020, p. 13). Trata-se de um rito no qual é ingerido o *peyotl*, rito de aniquilamento e de criação. Essa duplicidade inseriu Artaud em rituais sobre os quais nada conhecia, configurando um campo fértil para projeções (Gambini, 1988; von Franz, 1988/1999; Jung, 1944/2013) relacionadas ao contexto dos mitos de morte/renascimento do Deus-Sol (Silveira, 1981, 1989; Jung, 1911-1912/2023). Artaud não reproduz as palavras do líder indígena, mas as reconstrói.

O caráter heurístico da projeção

No final de agosto de 1936, Artaud iniciou sua viagem para a Serra Tarahumara, em grande parte realizada a cavalo. Em meio à marcha lenta e a mudanças de luminosidade ao longo do dia, Artaud percebia uma variedade de sinais nas montanhas: um homem sendo torturado, rostos de deuses, um homem nu à janela, homens afogados, uma estátua da Morte segurando uma criança: “O que fascina Artaud é o mundo pululante de signos e o fato de que ali o maravilhoso esteja em todo canto” (Méredieu, 2006/2011, p. 551). Esse mundo maravilhoso é descrito em sua dualidade, factual e imaginária: os signos teriam sido impressos nas montanhas pelos primeiros seres humanos que ali estiveram; os signos diriam respeito a aspectos subjetivos de Artaud. Ele próprio comenta: “Não sei dizer o que, na montanha ou em mim mesmo, havia sido amaldiçoado, mas eu vi milagres óticos análogos se manifestarem pelo menos uma vez ao dia, durante minha jornada pela montanha” (Artaud, 1936/2020, p. 34). Artaud não sabia dizer se o que estava amaldiçoado era a montanha ou ele próprio, mas, não negava que havia reconstrução e maldição. Dessa maneira, observa-se o fluxo livre dos processos inconscientes e o uso que Artaud faz de sua faculdade imaginativa, de modo que a experiência psíquica consciente pode ser dimensionada a partir de seu duplo: o inconsciente.

A obra artaudiana é um protesto à separação, pois considera que a cisão concebe a morte e conduz à estagnação. Artaud enfatiza a importância do movimento interno do pensamento, de uma realidade mediada pelos processos interiores subjetivos em conexão com a realidade exterior. Esses argumentos estão alinhados com a visão de Jung (1921/2013) de que a realidade não é simplesmente percebida, sendo valorada pela psique, tornando a realidade “viva”. Nesse sentido, a psique cria realidades, mediada sobretudo pela fantasia. A fantasia desempenha, portanto, um papel fundamental na psique, ao agir como força

conciliadora, com capacidade de unir os mundos interior e exterior, estabelecendo conexão entre as tendências opostas que separam sujeito e objeto.

Nesse contexto, é importante ressaltar que Artaud (1936/2021b) buscou dialogar dialeticamente com o paradigma científico de sua época, criticando sobretudo a visão fragmentária da ciência, com suas especializações que impedem enxergar a realidade de uma maneira mais integrada. Apontava, ainda, que a ciência petrificou a razão. E, de certa forma, a razão ocultou a ciência. Suas críticas ao âmbito acadêmico caminhavam no sentido de conciliar os outros aspectos negados pela visão racionalista do mundo.

Em relação ao autoconhecimento, é importante retomarmos o ponto discutido anteriormente sobre o processo de constituição da fantasia. Jung (1911-1912/2013) distingue dois tipos de pensamentos que ocorrem na dinâmica psíquica: o pensamento dirigido ou linguístico e o pensamento mitológico ou da fantasia. O pensamento dirigido diz respeito aos processos da consciência, portanto, é lógico e adaptativo, direciona-se para fora, para a realidade exterior. Conectado à dimensão linguística, busca explicar a realidade de maneira causal e linear. Por outro lado, quando o pensamento dirigido é suspenso, ocorre um afrouxamento que permite que o pensamento rompa com a lógica de linearidade, adotando uma perspectiva circular. O pensamento mitológico ou da fantasia, a seu turno, opera por uma sucessão de imagens que surgem espontaneamente e que suscitam sensações, alimentando os processos da fantasia, de modo que a realidade exterior perde sua primazia e, em muitos momentos, não é moldada conforme se apresenta de maneira tangível, mas de acordo com as imagens internas. O pensamento da fantasia é regido pela dimensão inconsciente, sendo criações espontâneas da psique. Acerca desse tipo de pensamento, Jung (1911-1912/2013) ressalta que: "[a] linguagem corrente chama este pensar de "sonhar" (p. 39, destaques do autor). De acordo com Boechat (2009), as duas formas de pensamento citadas vivem em constante alternância na dinâmica psíquica do indivíduo.

Essa conexão entre os mundos interno e externo pode acontecer pela via da projeção. Trata-se de uma via indireta de conhecimento, pois, em verdade, não projetamos, é o inconsciente que se projeta (Jung, 1944/2013). Esse fenômeno pode ocorrer na clínica, por meio das relações de transferência e de contratransferência (Jung, 1945/2013), na produção de conhecimento (Jung, 1911-1912/2013) e no encontro entre diferentes povos (Gambini, 1988). No último caso, esses encontros podem levar ao domínio e ao massacre. No caso específico da relação estabelecida entre Artaud e os tarahumaras (Artaud,

1937/2020, 1936/2020), ocorreu a busca por características que pudessem retirar a Europa da completa decadência. Dessa maneira, houve a possibilidade de convergência entre autoconhecimento e conhecimento do mundo.

A forma como o indivíduo relaciona-se com a fantasia não apenas revela aspectos de sua conexão com o inconsciente, como também é moldada pela influência do espírito de sua época. Assim, em uma época majoritariamente racionalista, a fantasia tende a ser subestimada (Jung, 1921/2013). A obra de Artaud, em certa medida, busca caminhar na contramão dos valores prezados pela consciência coletiva de seu tempo, predominantemente racionalista. Sua intenção é incluir o inconsciente e suas manifestações. Não se pode deixar de considerar que a conciliação entre o "sonho e a realidade" era uma premissa do movimento artístico e literário surrealista, que reivindicava a aliança das dimensões inconsciente e consciente. A fantasia é uma atividade relacionada ao inconsciente que, de certa forma, busca a integração entre a realidade objetiva e a realidade anímica. Jung (1921/2013) descreve a fantasia como "a mãe de todas as possibilidades" (p. 66), enfatizando seu potencial criativo. Seus conteúdos, ainda que sofram influência da consciência, são predominantemente inconscientes e despertam, portanto, uma certa estranheza. Para que o seu entendimento não se torne uma tarefa hercúlea, um caminho a ser traçado para compreender a fantasia é evitar interpretá-la de maneira literal. Para isso, deve-se enfatizar os seus possíveis significados. Nesse sentido, a fantasia é tida, muitas vezes, como tabu no âmbito científico. Mesmo que a psicologia esteja inserida nesse contexto avesso à compreensão dos processos da fantasia, Jung considera que cabe a ela o papel de reconhecê-la e compreendê-la.

O tema mítico do Deus-Sol

É possível observar na obra artaudiana que há uma presença marcante do pensamento mitológico ou da fantasia. Por meio das imagens, Artaud "sonhava" a possibilidade de uma revolução da consciência, que pudesse culminar, de forma mais abrangente, em uma revolução na cultura. Trata-se, sobretudo, de um "sonho" conciliatório entre as realidades interior e exterior, de algo que se inicia a partir de dentro e culmina fora. Diz respeito a uma busca pela unidade, na qual a integração com um passado originário, o antigo, possa se tornar um canal para o surgimento de uma nova cultura. Dessa forma, retrata:

Em um grau maior ou menor, e de acordo com a força de seu próprio gênio, o Inconsciente de cada ser humano possui um tesouro de imagens arcaicas que as

antigas raças do México tinham recoberto com um manto de impenetráveis alegorias. Junto à revolução social e econômica indispensável, esperamos todos uma revolução da consciência que nos permitirá curar a vida (Artaud, 1936/2021e, p. 81).

Em muitos casos, o pensamento racional e a linguagem explicativa tornam-se insuficientes para expressar as verdades da alma. Os mitos estão associados ao que não pode ser expresso apenas pelo discurso lógico (Boechat, 2009). Nessa perspectiva, Jung (1961/2016) aponta que a imaginação mítica está presente em toda parte, porém, muitas vezes, é negligenciada, resultando na perda da capacidade de confabular, de modo que o lado mítico torna-se enfraquecido ou negado. Isso reflete na diminuição da força do universo dos símbolos. Essa tendência é impulsionada pelo forte culto à razão crítica e pela identificação unilateral com a consciência, resultando na recusa dos processos inconscientes e de seus conteúdos, devido ao seu caráter simbólico e quase sempre obscuro para os padrões da lógica. No entanto, Jung ressalta que “mitologizar” é uma atividade vital, apesar de parecer apenas uma especulação.

O pensamento mitológico, ao contrário do que se pensa, não é algo infantilizado, mas diz respeito a processos inerentes ao ser humano e ao mundo. Dessa maneira, podemos concluir que a fantasia criadora não tem apenas origens pessoais, mas também suprapessoais, tema estudado de maneira minuciosa por Jung (1911-1912/2013). Para ele, as fantasias, os sonhos e os mitos se entrelaçam, revelando a tessitura do inconsciente coletivo. Entre os povos antigos, o pensamento mitológico predominava, caracterizando-se como uma forma de compreender a si e o mundo ao redor:

Esta atividade do espírito antigo agia de modo essencialmente artístico. O alvo do interesse não parece ter sido compreender o “como” do mundo real com a maior objetividade e exatidão possíveis, e sim adaptá-lo esteticamente à fantasia e esperanças subjetivas (Jung, 1911-1912/2013, p. 41, destaque do autor).

Acerca da função dos mitos, Campbell (1949/2007) afirma que eles fornecem símbolos, que impulsionam o espírito humano a avançar tanto na esfera pessoal quanto cultural. Seguindo essa linha de raciocínio, entende-se que Artaud, movido pela crise cultural europeia, sentiu-se atraído pela riqueza simbólica e espiritual dos tarahumaras. Assim, poderia encontrar a fonte da qual jorram os símbolos coletivos, por meio de um movimento em busca do regaste da força do universo mítico, ou seja, de uma função ordenadora do mito capaz de reestruturar a cultura:

Pois se a revolução do México não é indianista no sentido exclusivo como a entendem os jovens intelectuais da França, ela não deixa de tentar ressuscitar os princípios, as formas da cultura pré-cortesiana. O pensamento da juventude francesa, e nesse ponto é certamente um pensamento universal, quer o retorno às fontes, está toda impregnada dos sonhos do Inconsciente primitivo e quer transformar este sonho em realidade. É por isso que vê, nas tradições enterradas do México, um meio de salvar a vida (Artaud, 1936/2021f, p. 83).

Por meio da fantasia criadora enraizada no pensamento mítico, a psique humana desempenha um papel fundamental na “re-criação” do mundo. Em sua capacidade mitopoética, ou seja, em sua forma espontânea de criar mitos, encontra-se a possibilidade da reconstrução de sentido e o resgate da função ordenadora da psique e do mundo (Boechat, 2009). Essa abordagem reflete uma valorização da criatividade inserida em manifestações artísticas, que permitem compreender o mundo e a si próprio. A recriação aconteceria, portanto, pela sua *poíeses*. Nesse sentido, a obra literária de Artaud relacionada aos tarahumaras não está focada apenas na finalidade de relatar, de maneira factual, como o mundo é, mas, sobretudo, na possibilidade de recriar o mundo com tessituras de esperança.

No encontro de Jung (1961/2016) com os *pueblos* no Novo México, ressalta-se a importância do tema mítico do Deus-Sol que, em seus primeiros raios, apresenta-se como uma divindade:

Ninguém pode se furtar à poderosa impressão que o Sol causa; no entanto, assistir a esses homens maduros, extremamente dignos, tomados de uma emoção irreprimível ao falar do Sol, foi para mim uma experiência nova, que me tocou profundamente (Jung, 1961/2016, p. 252).

No Quênia e em Uganda, os elgonys cuspiam nas mãos e as estendiam em direção ao Sol, venerado no momento em que se erguia, recebendo a denominação “Adhista”. Os raios de sol aplacavam a angústia causada pela possibilidade do fim do mundo, típica da experiência noturna. O relato de Jung evoca o sentimento causado pelas auroras, que pôde vivenciar naqueles dias:

A aurora, nessa latitude, era um acontecimento que sempre me subjugava. Era menos o jorrar, em si mesmo magnífico, dos primeiros raios, do que aquilo que se seguia. (. . .). Inicialmente, tudo era um violento contraste

entre o claro e o escuro; depois, tudo tomava forma e contorno na luz que enchia todo o vale de uma claridade compacta. Mais acima, o horizonte irradiava uma luz branca. Pouco a pouco a luz ascendia, parecendo insinuar-se nos próprios objetos que se iluminavam por dentro e acabavam por ficar transparentes como vidros de cor, transformando tudo em cristal cintilante. (. . .) Minha impressão, nesses momentos, era a de que me achava num templo. Era a hora mais sagrada do dia. Diante desse esplendor, eu experimentava uma admiração insaciável, ou melhor, um êxtase intemporal (Jung, 1961/2016, p. 269).

Em Artaud, podemos reconhecer que “as figuras em conexão com o sol o atraíam fortemente” (Silveira, 1989, p. 13). Assim, escreveu sobre Montezuma, imperador dos astecas; sobre Heliogábalo, rei de Éfeso (Artaud, 1934/1991); e o poema “Tutuguri” (1947/2020). O tema mítico do Deus-Sol mostra-se como centro vital para os tarahumaras e seus rituais estruturados em sinais numéricos e na celebração da vitória do Sol sobre as trevas. À trágica vida de Artaud subjaz o mito solar de esperança pela renovação (Silveira, 1981, 1989).

Segundo Boechat (2009), o processo mitopoético permite que a psique possa atuar tanto pelo pensamento linear quanto por meio do processo circular da fantasia. Esses dois modos de pensamento estão diretamente relacionados, alternando entre o sonho e a realidade, em um sentido adaptativo ao mundo e aos processos inconscientes. Essa junção caracteriza o pensamento simbólico, como uma forma elíptica de pensamento, que torna ativa a função simbólica do inconsciente. A escrita de Artaud sobre os tarahumaras alterna os processos dirigidos, lineares, descritivos com o pensamento mítico, no qual a fantasia tem a primazia. Essa característica pode dificultar a compreensão de leitores que buscam apreender os fenômenos de maneira homogênea. Consideramos, porém, que a obra de Antonin Artaud necessita da conjunção das duas formas de pensamento – dirigido e da fantasia – para ser compreendida em sua amplitude.

Considerações finais

Este estudo buscou contribuir para a reflexão crítica sobre como as obras literárias podem ser observadas a partir de diferentes lentes teóricas, metodológicas e interpretativas; mais especificamente, espera-se enriquecer e ampliar a compreensão sobre a obra de Antonin Artaud, notadamente sobre a sua viagem ao México. Para isso, consideramos os aspectos simbólicos e prospectivos da

fantasia, para além do enquadramento literal e causal que pode engessar a análise de seus textos em uma perspectiva reduitiva.

Dessa maneira, partimos de algumas perguntas: será que Artaud estava falando somente de uma realidade externa? Ou ele estava abordando os povos tarahumaras por meio de uma compreensão simbólica? Diante da complexidade criativa de Antonin Artaud, simbólica e não linear, são necessários modelos interpretativos que combinem a ótica causal com uma perspectiva que leve em consideração a fantasia e seus aspectos simbólicos, incluindo a dimensão prospectiva que, no caso específico da viagem de Artaud ao México, diz respeito à busca pelos segredos dos povos originários para a renovação da cultura europeia, segredos estes baseados no anseio pelo tema mítico do Deus-Sol.

Referências

- Artaud, A. (1991). *Heliogabalo: ou o anarquista coroado*. Assírio e Alvim. (Trabalho original publicado em 1934).
- Artaud, A. (2020). *Os Tarahumaras* (A montanha dos signos, pp. 33-37). Belo Horizonte: Moinhos. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2020). *Os Tarahumaras* (O rito do peyotl entre os Tarahumaras, pp. 7-29). Moinhos. (Trabalho original publicado em 1937).
- Artaud, A. (2020). *Os Tarahumaras* (Tutuguri, pp. 53-57). Moinhos. (Trabalho original publicado em 1947).
- Artaud, A. (2021a). Mensagens revolucionárias (Surrealismo e revolução, pp. 13-23). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2021b). Mensagens revolucionárias (O homem contra o destino, pp. 24-23). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2021c). Mensagens revolucionárias (O que vim fazer no México, pp. 63-68). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2021d). Mensagens revolucionárias (A cultura eterna do México, pp. 69-13). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2021e). Mensagens revolucionárias (Segredos eternos da cultura, pp 78-81). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).
- Artaud, A. (2021f). Mensagens revolucionárias (As forças ocultas do México, pp. 82-85). n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 1936).

- Boechat, W. (2009). *A mitopoese da psique: mito e individuação*. Vozes.
- Breakwell, G. L., Fife-Schaw, C., Hammond, S., Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Artmed.
- Campbell, J. (2007). *O herói de mil faces*. Pensamento. (Trabalho original publicado em 1949).
- Castro, M. A. (2015). *Leitura: questões* (Época e tempo poético, pp. 278-283). Tempo Brasileiro.
- Castro, M. A. (Org.). (2009). *Arte: corpo, mundo e terra*. 7Letras.
- Gambini, R. (1988). *Espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Espaço e Tempo.
- Jung, C. G. (2013). A psicologia da transferência. In *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência* (OC, Vol. 16/2, pp. 46-215). Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (2013). *Psicologia e alquimia* (OC, Vol. 12). Vozes. (Trabalho original publicado em 1944).
- Jung, C. G. (2013). *Símbolos da transformação* (OC, Vol. 5). Vozes. (Trabalho original publicado em 1911-1912).
- Jung, C. G. (2013). *Tipos psicológicos* (OC, Vol. 6). Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2016). *Memórias, sonhos e reflexões*. Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1961).
- Kurt, L. (2014). (Sur)real or unreal?: Antonin Artaud in the Sierra Tarahumara of Mexico. *Journal of Surrealism and the Americas*, 8(1), 28-50.
- Mendonça, G. T. (2016). No país dos Tarahumaras: Antonin Artaud no México dos anos 1930. *Olhares*, 4(1), 72-78. <https://doi.org/10.59418/olhares.v4i1.70>.
- Méredieu, F. (2011). *Eis Antonin Artaud*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2006).
- Schwartz, J. (2008). *Vanguardas Latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. EdUSP.
- Silveira, N. (1981). *Imagens do inconsciente*. Alhambra.
- Silveira, N. (1989). Um homem em busca do seu mito. In Lucchesi, M. (Org.). *Artaud: a nostalgia do mais* (pp. 9-23). Numen.
- von Franz, M-L. (1999). *Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C.G. Jung*. Cultrix. (Trabalho original publicado em 1988).

Minicurrículos:

Hortênsia Isabela Santos Vieira – Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); mestrado em Psicologia pela UFJF; especialização em Psicologia Junguiana pela

Universidade Estácio de Sá (Unesa); graduação em Psicologia pela (UFJF). Integrante do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Analítica "Caminhos Junguianos". E-mail: hortensia@dynamispsicologia.com

Walter Melo – Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); pós-doutorado pela Sorbonne; doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); graduação em Psicologia pela UERJ. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: wmelojr@ufsj.edu.br